COMUNICAÇÃO E SUBJETIVIDADE EM PROCESSO
uma abordagem micropolítica[1]

Beatriz Morgado de Queiroz[2]
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Resumo

O presente ensaio enxerga possíveis aproximações entre a noção de comunicação e a definição ampliada de subjetividade proposta pelo filósofo francês Félix Guattari. A partir de uma perspectiva esquizoanalítica, que possibilita uma leitura de mundo segundo suas dimensões inventivas e mutativas, conceitos como transversalidade, rizoma e autopoiese, entre outros, são tomados de empréstimo e reapropriados para refrescar o pensamento "contemporâneo[3]" sobre a comunicação e pensá-la, em toda a sua complexidade, no campo micropolítico.

Palavras-Chaves

Comunicação como processo, Félix Guattari, Produção de Subjetividade, Micropolítica, Esquizoanálise

Comunicação no campo ampliado

O presente trabalho corresponde a uma velha desconfiança quanto à maneira tradicional de se pensar a comunicação, que parece insistir em um viés dogmático, higienizador e redutor dos processos de comunicação. Certa de estar dividindo aqui muitas de minhas inquietações sobre o assunto, tomei a liberdade de em alguns momentos redigir o presente ensaio em primeira pessoa, de forma a demonstrar minha imbricação com esta escrita e assumir sua total responsabilidade. Apesar de sua

[1] Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Mestranda do PPGCOM da ECO / UFRJ. Bolsista da Capes. e-mail: biamorgado@gmail.com
[3] O termo contemporâneo é aqui utilizado a partir da visão de Giorgio Agamben, que o entende segundo uma desconexão e uma defasagem com relação ao presente: "Pertence realmente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo aquele que não coincide perfeitamente com aquele, nem se adequa a suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual. Mas, justamente por isso, a partir desse afastamento e desse anacronismo, é mais capaz do que os outros de perceber e de apreender o seu tempo." AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

concepção intuitiva, acredito que o conteúdo desse ensaio é de grande interesse à área de comunicação, pois aponta para uma possibilidade de abertura e renovação do pensamento acadêmico.

...

Corrente funcionalista, Escola de Chicago, Escola de Frankfurt, Semiologia estruturalista, Agenda setting, Teoria Hipodérmica, Teoria Matemática, Estudos Culturais... São muitas as escolas, correntes e teorias que procuram dar conta de um entendimento dos fenômenos da comunicação humana.

Segundo Serra (2007), entendendo a comunicação em seu sentido amplo, poderíamos dizer que os estudos de comunicação remontam pelo menos a Platão e a Aristóteles. Entretanto, se a entendemos em um sentido mais restrito como "comunicação mediatizada", os estudos de comunicação têm um começo bem mais recente. Para autores como Kurt Lang (*Apud.* Serra, 2007) as raízes históricas da moderna pesquisa da comunicação remontam ao século XIX, em investigações acerca das mudanças nos padrões de vida trazidas pela Revolução Industrial. Como esse relato, fica evidente que ao acolher os media como seu principal objeto de estudo, a dimensão filosófica ficou à deriva das emergentes teorias da comunicação. Em termos gerais, o "paradigma dominante" na área pode ser caracterizado sumariamente da seguinte forma:

> "do ponto de vista político –"ideal de sociedade liberal e pluralista"; do ponto de vista sociológico– "perspectiva funcionalista"; do ponto de vista da teoria da comunicação – "modelo de transmissão linear de efeitos"; do ponto de vista da teoria dos media –"media poderosos modificados pelas relações de grupo"; do ponto de vista metodológico – "investigação quantitativa e análise das variáveis" (Denis McQuail *apud* Serra, 2007)

Nenhuma das principais teorias da área parece ter se aprofundado no saber sobre a comunicação fora de seu aspecto objetual. Desta maneira, este ensaio vai buscar fora do pensamento tradicional, algumas noções que tornem complexo esse campo de saber e destaquem suas dimensões subjetivas e maquínicas.

O que me parece é que muitas das teorias da Comunicação que fizeram "fama" no meio acadêmico não pararam para interrogar, ignoraram ou não tiveram coragem de refletir sobre a comunicação enquanto "processualidade criativa". É assustador saber que ainda se acredita na possibilidade de engessar a comunicação. Se a intenção for trabalhar com cadáveres e formas despontencializadas de vida, comunicólogos deveriam, antes de mais nada, se especializar na arte de empalhar. Mas como afirmou o

poeta alemão Heine: "um verso traduzido é um raio de luar empalhado". Mesmo num esforço incessante de emoldurar a comunicação, ela parece sempre escapar.

No mundo contemporâneo, onde proliferam a cada instante novas tecnologias que difundem, multiplicam e facilitam o acesso às informações, o cotidiano encontra-se marcado por diversas tentativas de convivência e ordenamento do caos informacional. Ao mesmo tempo, vemos hoje a proliferação de "slogans" que caracterizam o mundo atual como uma "sociedade da comunicação", e até mesmo como uma "era da incomunicação". Se assim for, teriam nossos antepassados, por exemplo, vivido em um período da incomunicação ou da comunicação? Será que em ambas as classificações, não estaríamos reduzindo a comunicação à sua qualidade de informação? Mas, afinal, de que comunicações estão falando? E de qual queremos falar?

Cabe aqui lembrar Walter Benjamim condenando o reducionismo correlativo do primado da informação:

> "Quando a informação se substitui à antiga relação, quando ela própria cede lugar à sensação, esse duplo processo reflete uma crescente degradação da experiência. Todas essas formas, cada uma à sua maneira, se destacam do relato, que é uma das mais antigas formas de comunicação. A diferença da informação, o relato não se preocupa em transmitir o puro em si do acontecimento, ele o incorpora na própria vida daquele que conta, para comunicá-lo como sua própria experiência àquele que escuta. Dessa maneira o narrador nele deixa seu traço, como a mão do artesão no vaso de argila" (Benjamin *apud* Guattari, 1990, p.53-54).

Há normalmente uma confusão entre as noções de "comunicação", "mídia" e "informação". De modo geral, os estudos científicos passaram a segmentar suas abordagens na operacionalidade dos setores ou modalidades de comunicação, resultando na estruturação de modelos lineares de comunicar. E, na busca de resultados mensuráveis e objetivos, um importante ponto de vista ficou de fora.

Neste ensaio, vamos tracejar uma noção de comunicação em um campo ampliado, não a reduzindo a um produto, mas a entendendo enquanto um processo relacional, híbrido e complexo que produz sentidos ao mesmo tempo em que rompe com eles. Enfatizamos assim, nossa opção em nos mantermos sempre afastados a uma lógica linear, objetiva e certeira da comunicação.

Para expandir a concepção de comunicação, muitos autores, das mais diferentes áreas do conhecimento, poderiam e deveriam ser convocados. Com esse interesse, poderíamos, por exemplo, pensar comunicação como produção de sentido de dentro da

noção de método genealógico de Foucault[4], que pressupõe que sentidos e valores são criados, interessados e condicionados historicamente em torno do jogo de forças do binômio poder-saber. Também poderíamos pensá-la pelo viés fenomenológico, pensando as sensações como instrumento da percepção e da produção de sentido. Na concepção fenomenológica da percepção[5] a apreensão do sentido ou dos sentidos se faz pelo corpo, enfatizando a experiência do corpo como campo da criação. Ou ainda, convocar a concepção "orquestral" de comunicação proposta pelos intelectuais do Colégio Invisível[6]. Esta escola, raramente estudada nas Escolas de Comunicação brasileiras, era formada por intelectuais das Universidades de Palo Alto e da Filadélfia, nos EUA, que a partir da década de 1950, buscaram superar a concepção matemática de comunicação do modelo shannoniano, destacando sua dimensão interacional complexa.

Ambas as noções têm validade e relevância para ampliar nosso olhar sobre a comunicação, no entanto, no momento, será mais produtivo nos distanciar "momentaneamente" dessas noções para concentrar nossa atenção nas idéias de outro pensador, que convoco a partir de agora: Félix Guattari.

Uma aproximação esquizoanalítica

Buscaremos entrelaçar os processos de produção de sentido com os de produção subjetiva, convocando e acrescentando ao campo da comunicação a produção disruptiva de sentidos, que abre fissuras, brechas e rompe com modelos pré-estabelecidos e convenções e possibilita a invenção. Para tanto, tomaremos de empréstimo alguns conceitos de sua esquizoanálise[7] (saber inventado em parceria com Gilles Deleuze), para conferir um entendimento renovado do campo de saber sobre a comunicação. Cabe

[4] Algumas das principais contribuições do pensamento de Michel Foucault para a Comunicação são abordadas em excelente artigo de Maria Cristina Franco Ferraz, disponível no endereço: http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/viewFile/909/691

[5] Para refletir sobre possíveis contribuições do pensamento fenomenológico para o campo da comunicação, recomenda-se a leitura de livro "Fenomenologia da Percepção", do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty.

[6] O conceito de comunicação proposto pelo Colégio Invisível baseou minha discussão sobre a obra vivencial e questionadora da artista plástica Lygia Clark como processo relacional e estético de comunicação durante minha monografia de conclusão do curso de Comunicação Social na UERJ e deu origem ao artigo disponível no endereço: http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_11/contemporanea_n11_148_lygia.pdf

[7] Vale lembrar que Deleuze e Guattari não reduzem a esquizofrenia ao desabamento catatônico, eles extraem dela o processo livre produção de desejo. (Zourabichivili, 2004, p.17)

aqui destacar, pelas palavras de Baremblitt (2003), o que entendemos por esquizoanálise:

> "A Esquizoanálise é uma leitura do mundo, praticamente de "tudo" o que acontece no mundo, como diz Guattari em seu livro sobre as ecologias, sendo uma espécie de Ecosofia, uma "episteme" que compreende um saber sobre a natureza, um saber sobre a indústria, um saber sobre a sociedade e um saber acerca da mente. Mas um saber que tem por objetivo a vida, no seu sentido mais amplo: o incremento, o crescimento, a diversificação, a potenciação da vida."

Nas palavras do próprio Guattari (1992a, p.18) a diferença metodológica primordial entre essa leitura de mundo e as práticas tradicionais de análise estaria no rompimento com os paradigmas científicos. Na perspectiva esquizoanalítica, as produções de subjetividade estariam amparadas pelos "paradigmas ético-pragmáticos" e "ético-estéticos".

Podemos anunciar, portanto, que uma leitura esquizoanálitica da comunicação se insere na esfera das micropolíticas. Este é outro termo inventado por Guattari (Guattari e Rolnik, 1986) que se refere aos efeitos de subjetivação, ou seja, aos fenômenos e práticas capazes de ativar estados e alterar conceitos, percepções e afetos. Para o autor, trabalhar no nível micropolítico é pôr em alerta tudo o que "bloqueia os processos de transformação do campo subjetivo"(*Ibid.*, p.135). A micropolítica é então abordada como "questão de uma analítica das formações do desejo no campo social – diz respeito ao modo como se cruza o nível das diferenças sociais mais amplas" (*Ibid*, p.127).

O entrecruzamento dos campos do poder com o da comunicação, que se faz em meio uma negociação invisível, situa-se na esfera do microcosmo, sem, contudo, deixar de estar relacionado com a dimensão macro. Nesse sentido, é proposto que a política se faz em todo e qualquer pequeno, médio ou grande âmbito em que transcorre a vida humana, enquanto imanência do desejo e da produção.

Com o intuito de propor múltiplas e férteis interseções entre o pensamento de Guattari e o campo da comunicação, iremos aproximar o pensamento sobre a comunicação com o pensamento de Guattari sobre a produção de subjetividade, discorrido de forma incisiva na abertura de seu livro "Caosmose – O novo paradigma estético" (1992a). Durante a exposição, também recorrerei, ainda que sem tanta ênfase, a outros textos do autor e de alguns pesquisadores guattarianos a fim de esclarecer e fortalecer certos conceitos e idéias que serão trabalhadas no presente ensaio.

É importante destacar que apesar das novas tecnologias da comunicação ocuparem papel relevante no cenário cultural contemporâneo e terem despertado, em

alguns momentos, a defesa de Guattari pela possibilidade de invenção de uma era *pós-midia*[8], a comunicação não é um tema central da obra desse filósofo. Esclareço, assim, que o presente ensaio não se restringirá à abordagem midiática da comunicação.

Por uma comunicação transversal, e...[9]

Partindo do pressuposto de que a subjetividade é essencialmente fabricada (como o título já indica), Guattari inicia seu esboço para uma redefinição da noção de subjetividade, deslocando-se da clássica oposição entre indivíduo e sociedade. Nesse intuito, o filósofo aponta três problemas contemporâneos que forçariam um outro entendimento sobre a produção de subjetividade:

> "a irrupção de fatores subjetivos no primeiro plano da atualidade histórica, o desenvolvimento maciço de produções maquínicas[10] de subjetividade e, em último lugar, o recente destaque de aspectos etológicos e ecológicos relativos a subjetividade humana". (1992a, p.11)

Em relação ao primeiro aspecto, Guattari expõe as dificuldades dos campos de saber baseados em paradigmas científicos (entre os quais aponta para a sociologia, as ciências econômicas, políticas e jurídicas e a própria psicanálise – e eu acrescentaria também os modelos lineares de pensar a Comunicação) para enfrentar a crescente atuação dos fatores subjetivos na própria história ao passo em que foram assumidos pelos meios de comunicação de massa de escala global.[11]

Guattari alerta, entretanto, que devemos atentar para os desvios nos usos das mídias enquanto acontecimentos microscópicos que indicam uma certa direção: a da recomposição ecológica da comunicação. Nesse sentido ele se refere a sua concepção de ecosofia[12]que opera uma reunião entre a ecologia do meio ambiente e uma ecologia do social e do mental, associando diferentes dimensões de fluxos e de máquinas e

[8] Para Guattari (1990, p.47), a noção de "pós-mídia" se remete na direção de uma "reapropriação da mídia por uma multidão de grupos-sujeitos, capazes de geri-la numa via de ressingularização", utilizando-a para fins não capitalisticos.

[9] Deleuze e Guattari (1995, p.36) sugerem que o rizoma (expressão que será abordada mais a frente) tem como tecido a conjunção "e... e... e...". Segundo os autores, "há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser", "reverter a ontologia, destituir o fundamento, anular fim e começo".

[10] Na obra de Guattari, "máquina" não diz só respeito à máquina técnica. Eles falam de máquinas sociais, máquinas desejantes, máquinas literárias, máquinas estéticas, etc. Os processos maquínicos ocorrem sempre agenciados, ou seja, arranjados, conectados, em agregação. Os agenciamentos maquínicos reúnem componentes diversos, de várias máquinas, mobilizando sempre multiplicidades e atuando em processos de territorializações e de desterritorializações. (Caiafa, 2005)

[11] Entre outros exemplos, Guattari cita que a combinação da potência da mídia com a das armas durante a Guerra do Golfo tentou domesticar a opinião mundial impondo uma mentalidade *yankee*. (1992a, p. 12)

[12] A noção de ecosofia é tema do livro "As três ecologias", de Guattari (1990), onde sugere a reinvenção dos modos de ser coletivos na sociedade atual.

estabelecendo pontes entre a ecologia do visível e a do incorporal (1992b). Assim, em contrapartida aos paradigmas científicos, ele propõe basear-se em paradigmas etico-estéticos, ou seja, em uma abordagem esquizoanalítica.

O filósofo indica que nesse contexto seria apropriado tramar uma "concepção transversalista da subjetividade" - com implicações ecosóficas – que dê conta tanto de suas "amarrações territorializadas idiossincráticas (Territórios existenciais)" quanto de suas "aberturas para sistemas de valor (Universos Incorporais)", ou seja, que assuma a qualidade heterogenética da subjetividade. Nesse sentido, por que não falar também de uma perspectiva transversal da comunicação? Para uma investigação sobre esse outro ponto de vista é preciso não apenas incorporar e iluminar as potencialidades de desterritorialização e reterritorialização da comunicação e a presença de componentes incorporais e corporais, mas ainda atravessá-las e situá-las em uma lógica não-hieráquica, que acolha seus processos de transbordamentos e imbricações mútuas.

Isso nos ajudaria a pensar nos processos comunicacionais como algo complexo que se processa entre fluxos, forças e atravessamentos de diversas naturezas, onde a transversalidade substitui a hierarquia. A comunicação está na relação entre seus componentes sendo, portanto, ao mesmo tempo, humana e não-humana. Seus componentes não devem ser analisados como formas puras e desconectadas, mas como instâncias que só tem sentido em relação com o outro, nos cruzamentos, interações e intercessões. No entre.

Para Guattari (1987, p. 96), o prefixo *trans* remete a:

> "uma dimensão que pretende superar dois impasses, o de uma pura verticalidade e o de uma simples horizontalidade; ela tende a se realizar quando uma comunicação máxima se efetua nos diferentes níveis e, sobretudo, nos diferentes sentidos."

Sendo assim, entendemos que uma concepção transversalista garante aos processos de comunicação a possibilidade de diferenciação ou invenção, se opondo tanto a sua redução a um eixo vertical que hierarquiza seus componentes, quanto a um eixo horizontal que cria comunicações por estames e não permite novos vínculos capazes de transformar a realidade.

Por uma comunicação rizomática, e...

Guattari cita as produções semióticas dos *mass* mídia, da robótica, da informática e das novas tecnologias como componentes da produção da subjetividade,

pois atuam "não apenas no seio de suas memórias, da sua inteligência, mas também da sua sensibilidade, dos seus afetos e dos seus fantasmas inconscientes". Ao atestar o perfil heterogêneo e maquínico da subjetividade, o filósofo (1992a, p.14) destaca, então, alguns tipos de componentes que concorrem para sua produção:

> "1.componentes semiológicos significantes que se manifestam através da família, da educação, do meio ambiente, da religião, da arte, do esporte; 2. elemenos fabricados pela indústria dos mídia, do cinema, etc. 3. *dimensões semiológicas a-significantes* colocando em jogo máquinas informacionais de signos, funcionando paralelamente ou independentemente, pelo fato de produzirem e veicularem significações e denotações que escampam então às axiomáticas propriamente lingüísticas". (grifo meu)

Acreditamos que assim como no caso da subjetividade, processos comunicativos também agenciam esses três tipos de componentes. E é, exatamente, no potencial heterogenético da comunicação que poderemos situar seus processos de singularização. Entretanto, como os dois primeiros elementos inicialmente citados já são comumente abordados no campo de estudos das teorias da comunicação, fitaremos nosso olhar para o que seriam os componentes a-significantes da comunicação.

Como o próprio autor já nos indica, estamos falando de uma dimensão que impede uma redução à representação, na medida em que produz significações e denotações sim, mas sem estar atrelada a elementos significantes. Guattari pontua que as correntes estruturalistas, apesar de suas grandes descobertas, negligenciaram a "economia a-significante da linguagem" ao conferir "à semiologia lingüística um primado sobre todas as semióticas". (1992a, p.49)

Em um ensaio esquizoanalítico sobre os fenômenos psicológicos, Parpinelli e Souza (2005) explicam que se considerarmos a palavra significante como produto de uma palavra signo, que, por sua vez, possui um valor e um sentido já instituído, "o a-significante pode ser entendido como o novo, como sendo uma intensidade que suga para fora, aspira e transforma o velho conceito, valor, sentido, etc." O papel sob o qual está escrita uma mensagem, a caneta que a escreveu, a própria tinta desta caneta e até as marcas de mordida na superfície plástica são citados pelos autores como componentes a-significantes que sustentam os signos e auxiliam na composição de um sentido.

No primeiro volume de Mil Platôs, Guattari e Deleuze (1995) analisam o princípio de ruptura a-significante que integra o conceito de rizoma[13]. Este princípio

[13] É importante sublinhar que para a esquizoanálise, a subjetividade é entendida considerando-se todas as características já descritas do rizoma. Ao se apropriar da noção de rizoma da biologia, os autores o conceituam como um anti-sistema, uma espécie de rede móvel de canais, fluxos, remoinhos e turbulências, de limites internos e externos difusos, do qual se pode entrar e do qual se pode sair em qualquer ponto, que se pode percorrer em infinitas direções e que é reinventado a cada viagem e por cada um que o percorre.

anuncia que "um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer". O rizoma se configura como uma potência que rompe com o já instituído, visto que está aquém do significado. Desta forma, as dimensões a-significantes da comunicação permitiriam seu entendimento como algo vivo, em processo, pois seriam o locus privilegiado para a interação, afetação e desterritorialização de seus componentes heterogêneos, "já que possibilitam a conexão com o novo, com o criativo, com o não-instituído" (Parpinelli e Souza, 2005).

No entanto, Deleuze e Guattari (*apud. cit.*) destacam que, apesar dessas rupturas traçarem linhas de desterritorialização ou de fuga, há sempre o risco delas se transformarem em linhas de segmentaridade, ou seja, "formações que dão novamente o poder a um significante", segundo as quais o rizoma é "estratificado, territorializado, organizado, significado". Este é um processo incessante onde estas linhas não param de se remeter umas às outras.

A idéia de rizoma sem dúvida nos indica uma outra lógica de pensamento - que subverte sua lógica dogmática, metafísica ou moral - e, conseqüentemente, nos traz uma nova imagem para a maneira como o produzirmos. Como confirma Zourabichvili (2004), o rizoma "por si só, é um manifesto: uma nova imagem do pensamento destinada a combater o privilégio secular da árvore que desfigura o ato de pensar e dele nos desvia."

Saem as hierarquizações e as categorias estáveis, universais, dualistas e estruturalistas de pensamento para entrar em cena a lógica do rizoma:

> "Resumamos os principais caracteres de um rizoma [...]. Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a *n* dimensões, sem sujeito nem objeto [...]. Oposto a uma estrutura, [...], o rizoma é feito somente de linhas.[...] O rizoma é uma antigenealogia. É uma memória curta ou uma antimemória. O rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura, picada. [...], o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga. [...] unicamente definido por uma circulação de estados [...] todo tipo de "devires"." (Deleuze e Guattari, 1995, p.32)

Imagine então uma imagem rizomática. Uma figura sem origem nem centro, onde qualquer ponto pode estar em conexão com qualquer outro ponto, em movimentos incessantes de combinações múltiplas dos mais diversos elementos, fazendo aparecer e desaparecer territórios, com infinitas possibilidades de bifurcação e encontros

imprevisíveis. Sem dúvida, essa imagem mental só é possível se for animada e em, no mínimo, três dimensões.

Agora pense nos processos de comunicação; nos inúmeros vetores envolvidos, que a todo momento se cruzam, se afetam e se transformam; em sua dimensão cada vez mais relacional; nas suas possibilidades de cristalização e de desintitucionalização. É possível submeter esses processos à estrutura dos gráficos matemáticos que teorias informacionais da comunicação tentam impor? A um desenho bidimensional e higienizado que reduz toda a complexidade da comunicação ao um modelo binário onde emissor e receptor trocam dados? Nesse caso, estamos ou não falando de uma caricatura?

Por uma comunicação autopoiética, e...

Tomando emprestada a idéia de Heráclito de que "ninguém mergulha duas vezes no mesmo rio" - pois tanto a pessoa quanto o rio já não são mais os mesmos na segunda vez em se mergulha nele -, podemos ilustrar a dimensão da mutabilidade presente tanto na produção da subjetividade quanto nos processos de comunicação. Nesse sentido, poderíamos brincar de dizer que ninguém conta duas vezes o mesmo conto, afinal, cada exposição é singular na medida em que o indivíduo se metamorfoseia durante o percurso que leva até o momento seguinte, torna-se outro, transforma-se, atravessando e sendo atravessado por múltiplos equipamentos de subjetivação. Notemos, entretanto, que diferente de Heráclito, para Guattari essa mutabilidade vai depender da multiplicidade dos componentes da subjetividade.

Esses componentes são, portanto, tanto humanos e inter-pessoais quanto não-humanos pré-pessoais, sendo estes últimos fundamentais para o seu desenvolvimento *heterogenético*[14]. Segundo Guattari (1992a, p.17), a maneira em que "um artista plástico cria novas formas a partir da palheta que dispõe" poderia ilustrar o potencial de exploração processual das singularidades dos *acontecimentos* inerentes à dimensão heterogenética da subjetividade. Inerentes, portanto à dimensão onde se produz algo novo e inusitado. A produção de heterogênese, em Guattari, se aproxima das noções de linhas de fuga, acontecimento e devir.

[14] "Trata-se de pensar a heterogênese segundo a esplêndida formulação de Félix Guattari, em que "gênese" não é mais entendida apenas em seu sentido tradicional de engendramento, de nascimento ou de constituição (...). "Gênese" é também entendida em relação ao novo conceito de "devir". (Zourabichvili, 2004)

Nos reapropriar desses conceitos para pensar a comunicação permite entendê-la como uma estrutura viva e dinâmica. Nesse sentido, o processo de comunicação se configura em um *devir*, sendo continuamente constituído a partir das ligações e religações que suas ramificações fazem, desfazem e refazem com elementos intra e extrapsíquicos, individuais e préindividuais, humanos e não-humanos, orgânicos e inorgânicos. (Caiafa, 2005) Caiafa (*opt. cit*) define o devir como "uma *comunicação transversal* com um heterogêneo" (grifo meu) ou como "transversalidades (comunicação com uma intensidade de outro sexo, outra época, outro reino ou espécie) que desterritorializam as representações molares[15]". A pesquisadora explica que o devir não diz respeito ao ser ou à identidade, mas a uma experiência de alteridade e transformação.

O acontecimento, nesse contexto, deve funcionar como portador eventual de uma nova constelação de Universos de referência incorporais[16], de devires, que remetem à sua dimensão semiótica a-significante, tais como aqueles relativos à música, às artes plásticas e à poesia[17], e que poderíamos visualizar também na química:

> "Uma singularidade, uma ruptura de sentido, um corte, uma fragmentação, a separação de um conteúdo semiótico - por exemplo, à moda dadaísta ou surrealista - podem originar focos mutantes de subjetivação. Da mesma forma que a química teve que começar a depurar misturas complexas para delas extrair matérias atômicas e moleculares homogêneas e, a partir delas, compor uma gama infinita de entidades químicas que não existiam anteriormente[...]"(Guattari, 1992a, p.30-31)

A esta qualidade processual de singularização da subjetividade, Guattari chama de "função poética", "função analítico-poética" ou "catálise poético-existencial". Em suas palavras (*ibid*, p.32):

> "Não se trata, para ela, de transmitir mensagens, de investir imagens como suporte de identificação ou padrões formais como esteio de procedimento de modelização, mas de catalisar operadores existenciais suscetíveis de adquirir consistência e persistência".

Essa função atuaria de forma eficaz na "capacidade de promover rupturas ativas, processuais, no interior de tecidos significacionais e denotativos semioticamente

[15] No nível "molar" a sociedade nos segmenta binariamente, produzindo categorias identitárias (homem x mulher, negro x branco, etc.). Contudo, os fluxos de desejo estão sempre escapando dessas dicotomias num nível "molecular", de onde são tomados os "devires". (Caiafa, 2004)

[16] Guattari define Universos de referência como "domínios de entidades incorporais que se detectam ao mesmo tempo em que são produzidos, e que se encontram todo o tempo presentes, desde o instante em que o produzimos", e destaca ainda que estes não se referem à estruturas preestabelecidas da subjetividade. (1992a, p.29)

[17] Em Caosmose, Guattari ressalta como na problemática de Mikail Bakhtine, a subjetividade criadora se destaca e se finaliza na música, na poesia e nas artes plásticas tomando posse dando autonomia a fragmentos de conteúdo a-significantes. Guattari inclui esses fragmentos na categoria de ritornelos existenciais. (*ibid,* p.26)

estruturados" (*opt. cit*). Portanto, a função poética deve ser entendida tanto sob o ponto de vista da *ruptura molecular* ("suscetível de desestabilizar a trama das redundâncias dominantes", "a ordem do clássico") quanto da seleção de fragmentos de redundância aos quais é conferida uma função existencial a-significante.

A apropriação desses conceitos para pensar a comunicação em sua dimensão de criatividade processual demonstra uma escolha ética crucial, pois rejeita os modelos propostos pelo paradigma científico, que analisam a comunicação como algo objetivo e a reduzem a um estereótipo. Segundo o Guattari, a partir do momento em que a produção de subjetividade não se vê mais cristalizada em estruturas fixas, mas procede de uma criação, devemos rejeitar um exame científico para abordá-la pelo *paradigma estético (ibid*, p.16). Ele reforça que esse olhar estético nos obriga a recusar a subjetividade "como um em si", mas face a processos de autonomização ou de autopoiese[18].

Ao promover um devir filosófico da função autopoiética, Guattari garante à subjetividade sua dimensão existencial. Há, portanto, um deslocamento da questão do sujeito para a questão da subjetividade (*ibid*, p.51), não como produto, mas como produção, processo, movimento criador. Segundo Kastrup (1995), nessa abordagem "a vida não comparece como encarnação na matéria orgânica, no ser vivo, mas como criação marcada pelo inacabamento".

Em entrevista à revista francesa Futur Antérieur, em 1992, ao ser indagado sobre o termo comunicação, Guattari diz que "a comunicação se instaura entre sujeitos discerníveis pela via de um canal de transmissão". Apesar de inicialmente parecer igualar comunicação e informação, pois parece a tratá-la de um ponto de vista instrumental (o dos canais de transmissão), ele refaz essa impressão dizendo lamentar que esse termo seja muitas vezes abordado por uma teoria da informação em um sentido muito reducionista, que se torna uma fonte de confusão:

> "Parece que a atual moda comunicacional tem a desvantagem de perder as dimensões existenciais das relações interhumanas, sociais e maquínicas. Se a comunicação fosse reequilibrada entre, por um lado, os seus elementos discursivos (frases, imagens, proposições) e por outro, esses elementos que eu chamo de aglomeração existencial, isto é, as dimensões que possibilitam sua existência, então aí sim, penso que

[18] Segundo Guattari, a noção de autopoiese é apropriada em um sentido um pouco desviado do que Varela e Maturana dão a esse termo. A idéia de autopoiese é amplamente utilizada no livro "Caosmose" (1992a). No artigo "Autopoiese e subjetividade", Kastrup (1995) aponta as transformações sofridas pela noção de autopoiese quando de sua passagem de um plano científico de referências para um plano de imanência filosófico.

> poderíamos trabalhar com o conceito de comunicação". (tradução minha)

E lidar com estas dimensões existenciais não seria exatamente conferir uma função autopoiética à comunicação? Segundo Guattari (1992b), para que esta autopoiese possa representar um conceito de comunicação eficaz é preciso levar em conta tanto as dimensões polifônicas da subjetividade - resultado da conjunção de seus componentes heterogêneos -, quanto considerar a relação entre o infinito e a complexidade da qual ela é portadora através dos sistemas maquínicos e dos fluxos.

A dificuldade de assumir a condição imanente da comunicação coloca à margem seus aspectos criacionistas, ou seja, sua autopoiese. Guattari previne que negar esta dimensão autopoiética da comunicação pode levar a uma reificação de sua polifonia[19]. Reificar a comunicação é negar que ela seja portadora de singularidade, pluralidade e heteregeneidade; é ater-se apenas a suas manifestações visíveis; considerá-la apenas como um produto e não como um processo.

"Existe sempre uma reificação dos territórios existenciais por uma discursividade estratificada", afirma Guattari (1992b), explicando que não existe um objeto conceitual científico[20] puro que possa ser separado da reunião de seus componentes. Mas ele completa que não se trata apenas de reconhecer a heterogeneidade dos componentes, mas de "fazê-los entrar em um *processo* de heterogeneidade".

Considerações Finais

Consideramos assim que é possível abordar a comunicação em um campo ampliado, onde conceitos da filosofia e da psicanálise tomam corpo. Esboçar as possíveis conexões entre a comunicação e o conceito de produção de subjetividade de Félix Guattari só foi possível pela leitura de mundo oferecida pela esquizoanálise. Tomando partido desse saber que tem por objetivo a vida, podemos indagar as vantagens e desafios de se abordar a comunicação em sua potência da vida, como fonte de diferença.

[19] A expressão *polifonia* é apropriada por Guattari da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin, de modo a ilustrar que a subjetividade é engendrada no embate das diversas vozes envolvidas na criação. (Guattari, 1992, p.11)

[20] È conveniente destacar que nesse momento da entrevista Guattari se diz interessado nos trabalhos da escola sociológica de Bruno Latour, para a qual aponta a importância por analisar os objetos tecnológicos e científicos ligados a todas as suas dimensões sociais, econômicas e contextuais.(Guattari, 1992b)

Esse desafio forçou uma atitude antropofágica sobre os conceitos guattarianos. Considerada em sua dimensão existencial, a comunicação passou a atravessar o invisível e o incorporal, o humano e o maquínico, o que transborda e vaza. O entendimento expandido do conceito de comunicação sugere que esta se faz de forma aberta e abstrata, repleta de acontecimentos e singularidades. Componentes não hierárquicos que só podem ser investigados no espaço do "entre", pelo meio, onde a experiência da diferença acontece. O interesse não se fixa no que está relacionado, mas, sim, nas próprias relações, como se processam e as linhas de virtualidade que engendram. Em suma, propomos um olhar sobre a comunicação a partir de uma lógica transversal, baseada em sua qualidade rizomática e sua dimensão autopoiética.

Para conferir consistência ao pensamento de Félix Guattari no campo da comunicação, convido todos aqueles que sentiram alguma afinidade com as inquietações apresentadas nesse ensaio, e tiveram de alguma forma seus ouvidos e mentes "engravidados" por ele, a experimentarem a comunicação como processo em suas pesquisas. Deste modo, as proposições apresentadas estão abertas para serem apropriadas e transformadas por outras visões comprometidas com uma concepção positiva da comunicação.

Referências bibliográficas

BAREMBLITT, Gregório. **Introdução à Esquizoanálise** 2.ed, Belo Horizonte: Biblioteca Instituto Félix Guattari, 2003.

CAIAFA, Janice. **Produção Comunicativa e Experiência Urbana.** Trabalho apresentado ao NP 21 – Comunicação e Culturas Urbanas, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2005. Hiperlink: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1589-1.pdf

DELEUZE, Gilles & Félix GUATTARI. **Mil Platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia, vol. 1. 5. ed., São Paulo: Ed 34, 1995.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: o novo paradigma estético. São Paulo: Ed 34, 1992a.

_____, **As três ecologias**. Campinas, Ed. Papirus, 1990.

_____, **Revolução molecular**: pulsações políticas do desejo. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____, ***Vers une auto poetique de la communication***. Entrevista de Félix Guattari concedida à revista francesa Futur Antérieur: 11 de março de 1992b.

Hiperlink: http://multitudes.samizdat.net/Vers-une-auto-poetique-de-la

_____, ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (*Org.*) **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

KASTRUP**,** Virginia**. Autopoiese e Subjetividade** - Sobre o uso da noção de Autopoiese por G. Deleuze e F. Guattari. *In:* Revista do Departamento de Psicologia da UFF, v.7, n.1, 1995.

PARPINELLI, Roberta; SOUZA, Edmilson. **Pensando os Fenômenos Psicológicos**: Um Ensaio Esquizoanalítico. *In*: Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 3, set./dez. 2005

Hiperlink: http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n3/v10n3a15.pdf

SERRA, J. Paulo. **Manual de Teoria da Comunicação**. Covilhã: Livros Labcom, 2008

Hiperlink: http://www.scribd.com/doc/15054457/Serra-Paulo-Manual-Teoria-Comunicacao-o-Livro

ZOURABICHVILI, François. **O Vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: 2004